

Carmona
Out. dez. /83

DEPARTAMENTO TÉCNICO-EDUCACIONAL — DETED
DIVISÃO DE DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS — DIDES

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES PARA UMA DISCUSSÃO SOBRE A
PRODUÇÃO REGIONALIZADA DE MATERIAL DIDÁTICO.

DOCUMENTO PARA CIRCULAÇÃO INTERNA

1. OBJETIVOS.

2. ASPECTOS GERAIS.

3. O MATERIAL DIDÁTICO DOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS DO MOBRL.

A. HISTÓRICO

B. ESTUDOS SOBRE O MATERIAL DIDÁTICO DO PAF

C. SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS.

4. A PRODUÇÃO REGIONALIZADA DE MATERIAL DIDÁTICO PARA PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO DE ADOLESCENTES E ADULTOS.

- FUNDAMENTOS

- PLANEJAMENTO

- PRODUÇÃO DO MATERIAL.

5. EXEMPLOS DE MATERIAL PRODUZIDO REGIONALMENTE.

6. RECOMENDAÇÕES E SUGESTÕES.

BIBLIOGRAFIA

1. OBJETIVOS

O presente trabalho tem por objetivos:

- contribuir para o processo de reflexão sobre os fundamentos de ações e materiais educativos diversificados;
- oferecer subsídios para a produção, utilização e avaliação de material didático;
- apresentar exemplos concretos de material didático produzido por outras entidades, movimentos e grupos.

2. ASPECTOS GERAIS

A questão da produção regionalizada de material didático deve ser discutida à luz do contexto pedagógico e instrucional em que está inserida. ?

A opção por se produzir um material didático de caráter nacional, regional ou local, estará sempre influenciada por aspectos políticos, institucionais, educativos e administrativos mais amplos.

Assim, a possibilidade, hoje, de se partir para a produção regional ou local de material didático, insere-se dentro de toda uma política do MOBREAL, de crescente descentralização das ações educativas que promove ou estimula.

Supõe-se que a decisão pela produção descentralizada de um material didático seja precedida de decisões anteriores quanto ao encaminhamento de novas ações educativas ou formas alternativas de desenvolvimento das ações em curso.

A etapa de produção de material deve ser vista, portanto, como um dos componentes de uma ação educativa diversificada, cujos objetivos, conteúdos e métodos já estejam delineados de tal modo, que passem a nortear a concepção e elaboração do material que não pode ser dissociado desse conjunto.

Um material didático de âmbito nacional geralmente é alvo de críticas, que residem no fato de que as possibilidades de respeito à identidade cultural e lingüística das populações seriam menores já que a diversidade de características sócio-econômicas e culturais das mesmas não seria considerada em termos de um material único.

A partir daí, cabe uma outra reflexão sobre a medida de preservação dessa identidade pela produção regionalizada de

um material. Conviria colocar essa preocupação para além da transferência do local de produção, pois os perigos da diretividade, inadequação e alheamento da realidade não decorrem exclusivamente da maior proximidade de pessoas e grupos envolvidos. Pode-se produzir um material local para adultos, incorrendo-se nos mesmos erros que se supõe específicos de uma produção nacional.

Nesse ponto, vale insistir que a clareza quanto à qualidade da ação educativa que se pretende encaminhar, quanto aos seus objetivos e quanto aos verdadeiros destinatários de seus serviços, é essencial como orientação para concepção e produção do material de que se pretende fazer uso.

Um outro aspecto a se destacar relaciona-se às situações extremas em que se pode cair, ao produzir materiais regionais.

Se, por um lado, essa produção pode favorecer uma incorporação mais eficaz da cultura local, por outro a permanência nesse estágio pode vir a bloquear o acesso de pessoas e grupos envolvidos a outros conhecimentos que, trocados com os conhecimentos já existentes, poderiam gerar um novo saber. Há que se evitar o predomínio de situações que sejam alheias à condição dos grupos ou que reforcem e reafirmem essas mesmas condições.

A concepção, produção e utilização de um material didático para grupos populacionais específicos de uma região ou localidade são etapas de um processo que finaliza com a etapa de avaliação, tendo em vista a reciclagem de todo o trabalho. Ou seja, a avaliação dos materiais produzidos é parte fundamental de todo esse procedimento. Sem essa etapa, a imprecisão quanto à qualidade dos demais momentos seria evidente.

A produção propriamente dita do material requer determinados

conhecimentos gráficos em termos de diagramação, tamanho de letras, ilustrações, etc. No entanto, esses conhecimentos podem e devem circular de forma simples e prática entre todos os elementos envolvidos, sem a nomenclatura técnica que os caracteriza em função de uma produção industrializada de material impresso. É preciso desmistificar um pouco a questão de uma necessária especialização para o fazer não só os materiais, mas a própria educação.

Outro aspecto essencial diz respeito aos usuários das próprias ações e materiais educativos. Se o material didático, como já foi colocado, é expressão da própria ação educativa e se esta ação é dinâmica construindo-se e reconstruindo-se com os participantes, algumas características desse material de imediato se evidenciam. A primeira delas relaciona-se ao nível de motivação existente no material capaz de animar o participante a agir e interagir na própria dinâmica da ação em curso. O material, como a própria ação educativa, deve conter apelos à experiência e à atuação dos participantes, supondo-se por isso que "mais que materiais armados sejam materiais por armar", preservando-se, evidentemente, as necessidades de organização de conteúdos, decorrentes da natureza de cada ação.

Ainda ao se falar em material didático, convém chamar atenção para a abrangência desse material, que não pode ser restrita à sua expressão mais convencional de livro ou caderno impresso. Se o material didático é apenas um entre os vários instrumentos presentes na ação educativa, formas alternativas podem e devem ser usadas e estimuladas como facilitadoras do processo de aprender. Os promotores das ações educativas, os elementos envolvidos é que são as pessoas mais indicadas para escolher ou criar materiais que venham a cumprir um papel de apoio e complemento à ação educativa. Folhetos, cartazes, calendários, almanaques, literatura de cordel são alguns exemplos de material didático alternativo.

Vale ainda colocar que experimentos dessa natureza podem conviver com ações e materiais de âmbito mais geral, servindo inclusive esses últimos como subsídios para observações e análises comparativas com experiências menores.

É essencial, no conjunto dessas reflexões, destacar a importância imprescindível do agente tanto no encaminhamento de ações como de materiais diversificados. Quanto mais a figura do agente for estimulada e solicitada a participar do processo de informações sobre as melhores formas de desenvolvimento das ações educativas, mais essas ações ganharão em representatividade e adequação local.

No decorrer das considerações aqui apresentadas, muito se falou sobre ações e materiais educativos diversificados. No entanto, a questão da regionalização de propostas educativas em um, vários ou em todos os componentes, tem que ser exaustivamente discutida em termos de preservar a qualidade das propostas encaminhadas. A preservação dessa qualidade poderá significar para o momento e o espaço educativo de determinadas comunidades e grupos um trabalho em linhas mais convencionais, enquanto que para outros, uma ação totalmente construída a partir de sua realidade mais imediata.

Não existem fórmulas.

Os caminhos para a diversificação das ações educativas vão sendo construídos no próprio curso dessas ações.

Numa tentativa de sistematizar as considerações aqui apresentadas, é possível assinalar:

1. que a opção por um material de caráter nacional, regional ou local está ligada a decisões políticas e educativas dos promotores das ações educativas;
2. que ao se decidir pelo âmbito da produção do material, outras decisões já devem ter sido tomadas enquanto tipo de ação educativa que se pretende desenvolver, objetivos,

conteúdo e metodologia;

3. que o âmbito da produção do material (nacional, regional ou local) não é fator determinante da maior preservação da identidade cultural e lingüística das populações, concorrendo para tal preservação outros fatores que devem ser objeto de reflexão por parte de todos aqueles que intencionam desenvolver tal proposta;

4. que em qualquer âmbito da produção de material pode-se incorrer em riscos que não são exclusividade de um material único ou diversificado;

5. que a produção regional ou local de material deve considerar a necessidade da troca e do acesso ao conhecimento, cuidando para não fechar o conteúdo somente ao universo das populações consideradas;

X 6. que integra a questão do material didático diversificado, a etapa de avaliação como etapa indispensável à garantia de maior qualidade dos demais momentos;

7. que as características dos usuários e da própria ação educativa devem ser consideradas na concepção do material didático;

8. que as dimensões de um material didático situam-se para além do livro ou caderno impresso, podendo expressar-se sob formas alternativas como folhetos, cartazes, almanaques, calendários, literatura de cordel;

9. que as orientações gráficas para a produção de materiais podem e devem ser colocadas a serviço e uso de todos os interessados, de forma simples e prática;

10. que os experimentos com material didático regional ou local podem conviver com a utilização de material didático nacional;

11. que a figura do educador é fundamental, no sentido do encaminhamento de ações e materiais diversificados.

3. O MATERIAL DIDÁTICO DOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS DO MOBREAL

A. HISTÓRICO

Ao ser criado o Programa de Alfabetização Funcional (PAF), procurou-se verificar as experiências já existentes no campo da alfabetização de adultos.

Este estudo levou o MOBREAL a concluir sobre a importância de criar um material específico para o seu programa, tendo em vista os seus objetivos e a metodologia estabelecida.

Para isso, a produção do material foi confiada a editoras com largo conceito na área de publicação de material impresso.

Ficou à cargo do MOBREAL a orientação e avaliação sobre o material a ser preparado, de acordo com critérios pedagógicos e gráficos, preestabelecidos pela Organização.

O MOBREAL decidiu que o material seria produzido por mais de uma editora, a fim de possibilitar às Coordenações diferentes alternativas que atendessem, de forma mais adequada, aos interesses da alfabetização no estado/território.

Basicamente, este é o material que tem servido ao desenvolvimento do PAF.

Posteriormente, com a experiência adquirida em todos estes anos de trabalho, e para atender à clientela analfabeta, atingida pela televisão, os técnicos do MOBREAL elaboraram um material que conjugou os conteúdos de alfabetização e de Matemática.

Em 1983, desativado o PAF/TV, este passou a ser utilizado em várias classes de alfabetização, mediante orientações que o adequaram à nova finalidade.

Com a necessidade de atender à educação continuada, também objetivo

do MOBRAL, criou-se o Programa de Educação Integrada (PEI).

Da mesma forma que o PAF, atribuiu-se a diferentes editoras a responsabilidade de editar o material necessário.

Recentemente, o PEI passou por uma reformulação, por exigência das Coordenações que solicitavam um programa equivalente às quatro primeiras séries do 1º grau.

Em consequência, foi elaborado um material, entregue, também, a diversas editoras.

Ao ser criado o Programa de Autodidatismo, como alternativa de estudo individualizado, surgiu a necessidade de produzir um material adequado para este tipo de programa.

Diferente do PAF e do PEI, os Roteiros do Autodidatismo foram concebidos e elaborados exclusivamente pelos técnicos do MOBRAL, cabendo às editoras tão-somente a impressão.

A experiência dos técnicos, o seu contato permanente com as Coordenações levaram o MOBRAL a produzir materiais adequados até mesmo para o homem que apenas sabia ler e escrever.

Além de materiais didáticos para educação supletiva, o MOBRAL já publicou um vasto material para atender à educação continuada dos adolescentes e adultos, nas áreas de trabalho, saúde, cultura.

B. ALGUNS DADOS SOBRE ESTUDOS DO MATERIAL DIDÁTICO DO MOBRAL

Passados 10 anos de atividades, o MOBRAL procurou realizar vários estudos do seu material didático, especificamente o do PAF, uma vez que ele havia representado a sua primeira experiência no campo da produção de material didático para adolescentes e adultos.

Dois destes estudos foram:

1. Avaliação do Material Didático do Programa de Alfabetização Funcional Realizada em 1981.

Apesar das limitações – entre elas, a não-consulta ao alfabetizador –, com referência à avaliação do material do PAF, o relatório indica, em suas conclusões, a necessidade de reformulação do material. Aponta, ainda, resultados quanto a cada um dos componentes do material didático, assim agrupados:

1. Material do Alfabetizador que compreende:

- . Roteiro do Alfabetizador (ROA);
- . Livro do Alfabetizador (Guia/Roteiro);
- . Conjunto de Cartazes e Cartões.

Em relação ao ROA e ao GUIA constatou-se que ambos são utilizados pela maior parte dos alfabetizadores, mas não de forma sistemática.

A subutilização desses materiais fica expressa no relatório e reafirma o distanciamento entre essas publicações, como recurso para o bom desenvolvimento do trabalho em classe, e a qualificação deste mesmo agente.

Em relação ao conteúdo foi considerado adequado e suficiente, a linguagem utilizada de fácil compreensão e também adequada ao alfabetizador. O manuseio de duas publicações de forma conjugada, diante do perfil do alfabetizador, foi julgado uma atividade complexa. A falta de acompanhamento sistemático do alfabetizador, no trabalho de classe, é sentida a cada passo das deficiências consignadas.

Após uma reflexão sobre as constatações anteriores sugere-se a elaboração:

- . de um novo material didático único para o alfabetizador compatível com o perfil do agente;
- . elaboração de um plano de orientações quanto à utilização do material didático, como subsídio à capacitação dos alfabetizadores.

Quanto ao Conjunto de Cartazes e Cartões de palavras geradoras

— maior problema está na dificuldade dos alfabetizadores na sua exploração e utilização. Essa dificuldade está centrada tanto na carência de orientações mais seguras e eficazes, para seu uso, quanto na falta de maiores conhecimentos gerais dos alfabetizadores que não lhes permite um diálogo mais rico com os alunos, na exploração do cartaz.

É significativo o número de cartazes considerados inadequados em cada editora, embora quanto a sua viabilidade não existam maiores restrições.

2. Material do aluno cujos componentes são:

- . Livro de Leitura;
- . Livro de Exercícios de Linguagem;
- . Livro de Exercícios de Matemática.

Quanto ao Livro de Leitura as informações contestam de certa forma, colocações anteriormente expressas, pois consideram as palavras geradoras verdadeiramente ligadas ao interesse da clientela.

Algumas palavras são consideradas difíceis de ser trabalhadas, entretanto a maioria dessas palavras são aquelas que apresentam dificuldades de leitura e escrita (ir, ss, gue, etc.) cuja aprendizagem é muito importante. Onde conclui-se a necessidade de melhor capacitação do alfabetizador.

Não existem outras críticas mais relevantes.

Quanto ao Livro de Exercícios de Linguagem não foram recolhidas críticas significativas com respeito a sua apresentação e conteúdo. Os exercícios foram considerados claros e adequados ao aluno adulto, bem como sua apresentação.

Não ficou evidenciado um fato muito colocado em outras ocasiões — o número reduzido de exercícios. Os exercícios colocados como de difícil resolução dizem respeito ao processo de leitura e escrita, o que nos leva a questionar sobre o processo de aprendizagem dos alunos. Registra-se, ainda, a necessidade de inclusão de orientações quanto à acentuação gráfica das palavras.

Quanto ao Livro de Exercícios de Matemática, não foram feitas restrições gerais significativas. Uma análise mais detalhada mostra opiniões divergentes. Os informantes das Editoras Vecchi e Primor consideram os exercícios adequados, enquanto, os da Abril e Bloch têm opinião contrária. A maioria dos informantes acha que os exercícios levam em conta o fato dos alunos serem adultos, apenas alguns consultados sobre a Vecchi respondem que o "estudo de conjuntos" não é adequado à clientela. Os aspectos negativos mais incidentes são: falta de espaço para a escrita do aluno, muitos exercícios e enunciados na mesma página dificultam a compreensão.

Tal como na leitura e escrita o número de exercícios que apresentam dificuldades é grande e estão ligados às quatro operações básicas o que mais uma vez nos leva a questionar o processo de aprendizagem. Entre as inúmeras informações e sugestões do campo, sobre o livro em questão, duas merecem registro: a necessidade de ser oferecido maior número de exercícios, considerando as dificuldades do alfabetizador e a sua atualização quanto a preços/custos etc.

3. Material Complementar ou Livro de Leitura Continuada

O questionário não destinava um espaço específico à análise deste material, entretanto, algumas opiniões aliadas às informações de outras fontes indicam que:

- como este material não faz parte do Material Didático Básico na maioria das vezes deixa de ser distribuído, assim quase não é conhecido nas classes de PAF;
- os alfabetizadores que o recebem quase não são orientados quanto ao seu uso.

A falta de informações quanto ao seu conteúdo impede maiores considerações.

Conclui-se que será viável sua exclusão, incluindo a sua proposta de conteúdo no Livro de Leitura.

Após essas considerações o relatório recomenda a reflexão sobre a reformulação do material ora em uso, levando-se em conta:

1. o continuum de informações fornecidas, quer pelos técnicos, quer pelo próprio alfabetizador;
2. a renovação do interesse dos antigos alfabetizadores pela substituição de um material que vêm utilizando anos a fio;
3. a inadequação de dados e situações apresentadas em alguns dos livros, especialmente nos de Matemática;
4. a inadequação de alguns aspectos gráficos e pedagógicos nos Conjuntos Didáticos Básicos do Programa, face aos critérios de elaboração de material aprimorados ao longo dos anos pela Instituição;
5. a necessidade de enriquecer os conteúdos educativos de ação comunitária, saúde, cultura e trabalho, no material didático do PAF, tanto no material referente ao aluno, quanto no de orientações e sugestões ao alfabetizador;
6. a dificuldade de o alfabetizador manusear diferentes volumes de orientações e sugestões para o desenvolvimento de seu trabalho;
7. a necessidade de incluir nos livros de leitura e exercícios de linguagem pequenos textos e atividades de compreensão da leitura, substituindo, assim, os livros de Leitura Continuada, subutilizados, ao longo dos anos, pelos alfabetizadores;
8. a dificuldade de interiorização do material ^{complementar} suplementar, especialmente quando a remessa desse material se faz em períodos diferentes da remessa do material básico, e a conseqüente necessidade de racionalização;
9. o incentivo à descentralização da produção de material suplementar de leitura que considere a cultura local;
10. a necessidade de atender, também, a racionalização de recursos financeiros".

O MOBRALENSE E O DOMÍNIO DO LÉXICO

- IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA E/OU OBJETIVOS DA PESQUISA

Objetivos:

- verificar, através de gravação de falas de alunos sobre determinadas áreas temáticas, o vocabulário corrente dos mesmos, ao iniciarem o processo de alfabetização funcional;
- verificar, em que medida, os fatores faixa etária, sexo, profissão, experiência vital e escolar anteriores influenciam o vocabulário do aluno;
- verificar em que medida o material escrito e elaborado pelo MOBREAL se relaciona com o vocabulário utilizado pelo aluno;
- verificar em que medida o vocabulário de jornais de classe A (Jornal do Brasil) e C (O Dia e Última Hora) se relacionam com o vocabulário utilizado pelo aluno;
- fornecer subsídios para elaboração de textos para mobralenses da área geográfica de Nova Friburgo, no que tange à parte lexical.

METODOLOGIA USADA PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

- . determinação do nível sócio-cultural do falante-analfabeto;
- . determinação da área geográfica da pesquisa – Nova Friburgo;
- . realização de gravações in loco de forma de coletar sistematicamente os dados a serem analisados (37 entrevistados);
- . elaboração de questionários que permitissem um diálogo espontâneo, visando ao levantamento do vocabulário dos entrevistados relativos a seis áreas temáticas, escolhidas após sondagem prévia das circunstâncias de vida e dos interesses dos mobralenses (alimentação, saúde/doença, profissão/afazeres, expectativas de vida, lembranças de vida e lazer/diversões);
- . utilização de variáveis sociolinguísticas (procedência, anos de vida no local, idade, sexo e profissão dos informantes);
- . utilização das classes gramaticais como variáveis linguísticas;

. categorização das palavras em substantivo, adjetivo participial e não participial, verbo, advérbio, pronome, preposição, conjunção, numeral, artigo, interjeição, palavras de classificação à parte e palavras em sua composição simples ou derivada;

. análise, apenas, das palavras nocionais (substantivos, adjetivos, verbos e advérbios nominais);

. quantificação das palavras que compõem o "corpus" da fala dos mobralenses:

- num. cômputo total por freqüência e por ordem alfabética;

- num total por cada classe;

- num total por tema;

- num total por profissão;

- num total por sexo;

- num total por idade;

. análise de variância de todo o material computado;

. correlação de todas as variáveis, através de modelos estatísticos de interação de variáveis, agrupadas do seguinte modo:

- sexo, idade e classe gramatical;

- idade, profissão e classe gramatical;

- sexo, idade, tema e classe gramatical;

- idade, profissão, tema e classe gramatical.

CONCLUSÕES:

. uso constante de substantivos e verbos nas elocuições;

. os homens valorizam o tema profissão, enquanto as mulheres, o tema alimentação e tanto os homens quanto as mulheres se interessaram pelo tema saúde/doença;

. as mulheres mais jovens (de 15 a 25 anos) e as da faixa etária entre 26 e 40 anos interessaram-se pelo tema alimentação. As mulheres mais idosas (mais de 40 anos) se interessaram bem menos por este tema.

Os homens mais jovens e os da faixa etária entre 26 e 40 anos interessaram-se pelos temas profissão, alimentação e saúde/doença. Os homens mais idosos não se interessaram pelo tema lazer/diversões; . os operários e os lavradores valorizaram os temas profissão, alimentação e saúde/doença: "

As domésticas se interessaram pelo tema alimentação;

. o vocabulário do grupo não é limitado, nem restrito. Expressa a visão e a expectativa do mundo que os cerca;

. os alunos não conseguiram decodificar as notícias de jornais lidas pelos entrevistadores, porque é fundamental conhecer o significado das unidades lêxicas para a compreensão da leitura;

. os textos de leitura continuada do MOBREAL estão divorciados da realidade e das experiências vitais dos alunos do MOBREAL de Nova Friburgo, não oferecendo estímulo aos educandos não sô para decodificarem as notícias de jornais, mas também para emitirem juízos críticos sobre os fatos apresentados.

SUGESTÕES:

. não enfatizar os nomes (processo estatístico da língua) em detrimento dos verbos (processo dinâmico);

. utilizar frases nas estratégias de alfabetização;

. atentar para o gosto e os interesses dos alunos das classes de alfabetização que preferem, de acordo com o sexo, idade e profissão, determinados temas em detrimento de outros;

. as palavras a ensinar deveriam ser extraídas das diversas comunidades onde funcionam as classes de alfabetização e a motivação para sua seleção deveria estar ligada às necessidades cotidianas dos adultos com a palavra geradora integrada em frases;

. não haveria nenhum livro de alfabetização, mas tantos quantos fossem necessários para, com suas propostas, irem ao encontro das necessidades da comunidade;

. é preciso considerar a função da cultura ambiente e a experiência vital dos falantes na preparação dos materiais de leitura;

. no ensino do vocabulário deve-se ter em vista conjuntos de palavras que se delimitem reciprocamente graças a certas relações semânticas;

. a aprendizagem de novas palavras deve ser feita em situações reais de vida e em contextos significativos para os alunos.

C. SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS

. A partir de 1983, dentro de uma política educativa de descentralização, o MOBREAL vem estimulando o surgimento de novas propostas advindas do campo.

Na medida em que essas propostas tenham características tão específicas que justifiquem a edição de um material próprio, caberã às próprias comunidades a responsabilidade de conceber e elaborar o material, entrando o MOBREAL Central com o apoio técnico que vier a ser solicitado.

. Na perspectiva de que o Nordeste possa vir a produzir material regionalizado, foi promovido um encontro em Sergipe, para o estudo da questão.

Chegou-se à conclusão, neste encontro, de que a decisão de regionalizar o material didático sã deverá ser tomada a partir de um trabalho de pesquisa que envolva o levantamento dos temas e conteúdos relacionados a eles, através de uma investigação participativa.

Outra preocupação, manifestada sobre o material didático, é que sejam levados em consideração, para sua produção, alguns aspectos, tais como:

- preservar uma estética externa;
- evitar ilustrações caricatas;
- desenvolver um material que sã se complete através da participação do aluno;
- estabelecer uma proposta formativa e informativa que seja de real interesse e necessidade do aluno;

17

- adotar uma linguagem que, partindo da do aluno, leve-o a enriquecer os seus conhecimentos lingüísticos.

Finalmente, ficou evidente que é preciso desmistificar o material didático como elemento essencial ao processo ensino-aprendizagem. Sua eficácia depende muito menos dele em si, do que da maneira como ele é utilizado pelo binômio professor/aluno.

. Na visão que se possa fazer sobre a produção de material didático, de forma regionalizada, supõe-se que esta produção chega às últimas conseqüências, sendo feita nas próprias classes, ainda que devam ser obedecidos os programas mínimos estabelecidos pelos órgãos oficiais de ensino.

4. A PRODUÇÃO REGIONALIZADA DE MATERIAL DIDÁTICO PARA PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO DE ADOLESCENTES E ADULTOS

I. Fundamentos

Esta forma de produção regionalizada fundamenta-se, por um lado, no princípio de funcionalidade, levado em conta pelo MOBREAL, no desenvolvimento de seu programa de educação de adolescentes e adultos, e, por outro lado, na diversidade geográfica e cultural verificada num país como o nosso, de dimensões continentais, o que determina variadas realidades, interesses e necessidades.

A tendência à produção descentralizada evidencia-se, também, nos resultados das avaliações, feitas em 1981 e 1982, sobre os materiais didáticos utilizados pelo MOBREAL nos seus projetos — PAF e PEI — de educação de adultos, durante os seus anos de existência.

II. Planejamento

O primeiro passo para produzir o material didático — no caso, material escrito, como livro, folheto, apostila, etc. — é realizar o planejamento da produção.

Este planejamento deve levar em conta os seguintes pontos:

a) objetivos

Todo material didático produzido deverá atender aos objetivos do projeto de educação de adultos a que ele se destinar.

Exemplo:

Para produzir um material de alfabetização, será preciso pensar nos objetivos do Projeto de Alfabetização Funcional (tradicional ou específico para determinada região).

Esta necessidade de tomar os objetivos do projeto como ponto de partida para a elaboração do material implicará uma reflexão/discussão prévia sobre estes objetivos, o que resultará na própria discussão sobre a proposta educativa que estiver gerando a necessidade de produção do material.

Em resumo, tal discussão deverá procurar responder a perguntas, como:

- . a que resultados se espera chegar, no processo educativo, junto à clientela a ser beneficiada pelo projeto e pelo material?
- . como deve ser o material, para que se consiga chegar a estes resultados?

Como é fácil perceber, respondidas estas duas perguntas, automaticamente estarão definidos, pelo menos em linhas gerais, os próprios conteúdos que devam constar do material, bem como a maneira de desenvolvê-los.

Também se definirã, naturalmente, que materiais produzir/utilizar. No caso, da alfabetização – cartilha, livro de exercícios, guia do professor, cartazes, cartões e outros tipos de material, considerados convenientes para o projeto.

b) metodologia

Todo material didático produzido deverá estar de acordo com a

metodologia do projeto, ou seja, com a forma pela qual são desenvolvidos os conteúdos do projeto de educação de adultos em questão.

Exemplo:

No caso de um material de alfabetização, o conteúdo, formado de palavras (com as sílabas a serem estudadas), frases, textos, atividades e ilustrações, deve ser desenvolvido de acordo com o método de alfabetização (passos metodológicos) adotado pelo projeto, e o conteúdo de Matemática, desenvolvido de modo articulado com o de alfabetização propriamente dito.

Além disso, considerando a funcionalidade dos projetos do MOBREAL, o conteúdo deverá incluir elementos da realidade dos alunos e levá-los, através de mecanismos apropriados (textos e atividades), a refletirem e discutirem sobre o contexto em que vivem.

c) conteúdo

Todo material didático produzido deverá abranger o conteúdo estabelecido no projeto de educação de adultos (e, como visto no item Objetivos, resultante de uma reflexão/discussão sobre a proposta educativa geradora do material).

Na alfabetização, o conteúdo deve incluir palavras, frases e textos apropriados ao ensino da leitura e escrita, bem como à realidade dos alunos.

Também apropriados ao contexto da clientela deverão ser os conteúdos de Matemática, desenvolvidos de forma correlacionada aos de alfabetização.

Por exemplo, entre os seringueiros da Amazônia, uma palavra adequada pode ser tapiri, porque não são contêm sílabas a serem estudadas, como também pertence ao vocabulário do seringueiro.

Ela pode, ainda, ser utilizada para o estudo de famílias silábicas (ta, te, ti, to, tu; pa, pe, pi, po, pu; ra, re, ri, ro, ru). Com

estas sílabas podem ser mostradas outras palavras locais, como: tipiti - tupi - tabu.

Na parte de Matemática, então, poderá haver o estudo das operações aritméticas utilizando, por exemplo, o conceito de tapiri, a quantidade de homens que costumam se abrigar nos tapiris, etc.

d) população-alvo

. A produção do material deve ser realizada de acordo com as condições sócio-econômico-culturais da comunidade e com o número de pessoas para as quais o material for produzido.

A comunidade a que se destinar o material tanto poderá ser a de uma unidade geopolítica (por exemplo, um estado ou município), como a de um segmento social definido por uma característica sócio-econômica ou cultural comum (por exemplo, a comunidade dos seringueiros, na Amazônia, ou dos pescadores, no Nordeste).

A quantidade de pessoas a serem beneficiadas com o material determinará o tipo de publicação a ser adotado (uma população-alvo numerosa obrigará a uma tiragem elevada, o que, conseqüentemente, exigirá uma publicação tipo livro, produzida em gráfica; uma população menor permitirá uma tiragem reduzida, o que recomendará uma publicação mais simples, do tipo apostila, a ser mimeografada).

Para uma comunidade carente, convém levar em conta elementos que concorram para a redução do custo do material (tipo de publicação sem capa — como apostila —, pequeno número de páginas, papel jornal, ilustrações em preto e branco, diagramação sem espaços inúteis nas páginas, etc.). No entanto, material de baixo custo não quer dizer material de baixa qualidade.

A obra terá sempre que atender aos objetivos e conteúdos do projeto.

Por sua vez, os conteúdos do material devem incluir elementos ligados ao contexto da população-alvo e levar à reflexão/debate sobre esta realidade. Na comunidade dos seringueiros, por exemplo, os conteúdos precisam estar ligados ao universo destas pessoas. Já quando o material for dirigido à população de um estado, os

conteúdos deverão ser comuns à população estadual.

Para tanto, o planejamento deverá prever, como etapa inicial da produção regionalizada de material didático, a investigação sobre a realidade sócio-econômico-cultural da população-alvo, procurando conhecer melhor sua linguagem; suas formas de organização familiar, de trabalho; suas condições de saúde, alimentação e habitação; suas formas de lazer; suas representações sociais; seus costumes, hábitos; os aspectos da cultura local, no campo do artesanato, da música, da literatura, etc.

Estes elementos deverão servir de base para o desenvolvimento dos conteúdos instrucionais.

e) custos

Para a produção do material, deve-se ter sempre em vista os seus custos, que são variáveis.

Dependerão do tipo de publicação (por exemplo: um livro é mais caro que uma apostila); tipo de papel (o de jornal é mais barato); existência ou não de ilustrações, bem como o número e as cores delas (menor nº de ilustrações, em preto e branco, naturalmente sairá mais em conta que muitas ilustrações em cores); forma de composição e impressão (a preparação do texto final em datilografia e impressão em mimeógrafo, adequadas para pequenas tiragens - 500 exemplares, por exemplo -, saem mais barato).

No entanto, as ilustrações terão de ser feitas no estêncil, a bico de pena, o que costuma criar alguma dificuldade para quem as faz.

Para as grandes tiragens, recomenda-se a fotocomposição e a impressão gráfica.

Os custos de qualquer publicação também dependem da tiragem. Maior tiragem, menor custo unitário proporcional.

f) grupo de produção

Para a preparação dos originais (textos e ilustrações), deve ser

constituído um grupo de pessoas interessadas na realização do trabalho.

De preferência, estas pessoas serão aquelas que estejam ligadas, direta ou indiretamente, ao projeto a que o material se destinar.

Elas deverão estar familiarizadas com a realidade da clientela.

O grupo, portanto, poderá ser formado de técnicos da Coordenação, supervisores, alfabetizadores, professores, monitores, pessoas da comunidade em geral, etc.

Dele deverão fazer parte, necessariamente, pelo menos um especialista na matéria (professor, alfabetizador, etc.), um redator (que poderá ser o próprio professor, conhecedor do assunto), um datilógrafo (que poderá ser qualquer pessoa do grupo) e uma pessoa com habilidade para fazer as ilustrações (que também poderá ser qualquer das pessoas da equipe).

Para a composição e impressão de grandes tiragens, será preciso contar com os serviços de uma gráfica. Mas, no caso do material vir a ser reproduzido através de mimeógrafo, a própria equipe de produção dos originais poderá executar as operações de produção gráfica do material (preparação dos estênceis, reprodução das cópias, montagem dos exemplares).

Da mesma forma, a diagramação (arrumação dos textos e ilustrações nas páginas) poderá ser feita por uma ou mais pessoas do grupo, aproveitando os próprios exemplos de material, contidos neste documento, ou contando com o auxílio de profissional do lugar que possa ajudar neste trabalho.

g) etapas de produção

Formado o grupo de produção, será necessário organizar o trabalho por etapas, que poderão ser definidas do seguinte modo:

1. investigação participativa (com a participação direta das próprias pessoas da comunidade) sobre o universo cultural da

população abrangida (verificação das formas de organização familiar, comunitária, das formas de trabalho, das condições de saúde, alimentação e habitação, das formas de lazer, das representações sociais, dos costumes, hábitos, etc.);

2. organização das informações obtidas, seleção dos elementos de linguagem (palavras, expressões, frases), mais apropriados ao material a ser produzido, e determinação dos conteúdos do material, com base na compatibilização entre os conteúdos levantados na comunidade e os conteúdos instrucionais, propriamente ditos (ver as orientações sobre os Aspectos pedagógicos, no item III, Produção do material);

3. elaboração dos originais (ver as orientações sobre os Aspectos pedagógicos, no item III, Produção do material);

4. revisão dos originais;

5. datilografia dos originais (que, se o material for composto e impresso em gráfica, terá de ser em folha com gabarito);

6. revisão dos originais datilografados;

7. composição dos originais para impressão;

8. revisão dos originais já compostos (provas);

9. impressão dos originais.

No caso do material ser mimeografado, caberá à própria equipe de produção realizar as etapas 7, 8 e 9 que, neste caso, incluirão:

- datilografia dos estênceis;
- desenho, a bico de pena, das ilustrações nos estênceis;
- revisão dos estênceis datilografados e desenhados;
- rodagem das cópias;
- montagem dos exemplares.

Sendo o material composto e impresso em gráfica, estas etapas (7, 8 e 9) correrão por conta dela.

O MOBREAL Central, a partir de um trabalho conjunto com a Coordenação

interessada, poderá colaborar na programação visual (produção das ilustrações, diagramação, etc.), na composição e na impressão do material, já que, para tanto, dispõe de pessoal e equipamento especializado.

Em qualquer situação, no entanto, sempre será útil contar com o auxílio de profissionais ou pessoas da comunidade que entendam destes serviços.

h) fonte de consulta

Num trabalho dessa natureza, é indispensável a consulta tanto a publicações sobre o assunto, como a pessoas e entidades ligadas, de um modo ou de outro, à produção de publicações e, em especial, de material didático — no caso, voltado para a educação de adultos.

Assim, convém verificar as publicações técnicas sobre o assunto — manuais de editoração, dicionários de artes gráficas, etc. —, que estejam à mão ou que possam ser obtidos junto a bibliotecas, ao MOBREAL Central/SEDOC, a pessoas da comunidade, etc.

Será de grande utilidade, também, o aproveitamento de toda e qualquer publicação didática de natureza popular, que tenha a mesma finalidade do material a ser produzido.

No caso da produção de material de alfabetização, por exemplo, será útil aproveitar cartilhas, manuais do alfabetizador, etc., já produzidos, no Brasil, para a educação de adultos.

i) etapas de utilização e avaliação do material didático

O planejamento deverá prever, também, os procedimentos necessários à utilização do material, bem como ao seu acompanhamento e avaliação.

Para tanto, deverão ser considerados os seguintes aspectos:

i.1 - capacitação dos agentes e demais elementos envolvidos na aplicação do material

Convém que a capacitação seja a mais prática possível, planejando-se, com os elementos envolvidos, atividades que reproduzam a utilização do material em sala de aula;

i.2 - distribuição

Deverã ser definida a distribuição do material, em função da quantidade de alunos conveniados e da localização das classes.

Também serã preciso levantar as condições de interiorização do material — recursos humanos, de transporte, etc.;

i.3 - acompanhamento e avaliação

Com o objetivo de verificar a eficiência do material e promover futuras reformulações, para o seu aperfeiçoamento, serã preciso estabelecer as formas de acompanhamento e avaliação deste material.

De preferência, o acompanhamento e avaliação serã feitos pelos próprios elaboradores do material, pelos aplicadores dele (alfabetizadores, professores, supervisores, outros agentes), pelos técnicos da Coordenação e pelos técnicos do MOBRAL Central/DIDES/DIAMP.

Para facilitar estas atividades, poderã ser criado um instrumental que vise a apurar os pontos positivos e negativos do material.

Também, ao final das próprias obras, poderã ser inserido, por exemplo, um questionário, para que o alfabetizador e o alfabetizando dêem sua opinião sobre elas.

Convém que a primeira avaliação do material seja feita apõs o primeiro convênio em que ele seja utilizado, estudando-se a conveniência de ajustes para o próximo convênio.

III. Produção do material

Para a elaboração do material, devem ser considerados os seguintes aspectos:

a) aspectos pedagógicos

a.1 - Desenvolvimento do conteúdo

Os assuntos, extraídos da investigação participativa sobre a realidade da população-alvo, poderão ser organizados por temas, como saúde, alimentação, trabalho, habitação, etc.

No caso da alfabetização, estes temas servirão de base ao estudo das sílabas, palavras, expressões, frases e textos, a serem distribuídos nas sucessivas lições da cartilha.

Cada lição da cartilha conterá, portanto, palavras, expressões, frases e textos relacionados aos temas. Incluirá, ainda, conteúdos de Matemática, também ligados ao tema da lição.

Estes conteúdos, e mais as atividades e ilustrações, deverão ser desenvolvidos de forma que, constantemente, o aluno reflita, discuta, opine sobre a sua vivência e a de sua comunidade.

Vejamos, com um exemplo, extraído do livro Quarup, de Antônio Callado, a dinâmica de um trabalho de alfabetização, desenvolvido a partir de um conteúdo social:

- "Cla - disse o camponês.
- Classe clamor - disse Francisca.
- Cle.
- Clemência.
- Cli.
- Clima.
- Clu.
- Clube.

Francisca tirou um slide de fora da série. A palavra de duas letras, mas grande na parede. Vários camponeses leram juntos:

- Eu.

Outro slide e disseram:

- Re.

- Pensem em classe e clamor — disse Francisca enquanto colocava o slide com o pronome e o verbo.

- Eu re — disse um camponês.

- Eu remo! — disse outro.

- Eu clamo! — disse outro.

- Eu sei professora, eu sei Dona Francisca. EU RECLAMO!

Mesmo agora, já habituado a assistir e a ensinar ele próprio, Nando sentia os olhos cheios d'água, quando diante de um camponês uma coisa ou uma ação virava palavra. A criança tantas vezes vai fazer a coisa a comando da palavra. Para aqueles camponeses tudo já existia, menos a palavra.

- De — disse um camponês.

- Cla — disseram todos.

- Ra — disse um camponês.

- DECLARAÇÃO! — disse outro.

Como se viesse entrar num alçapão um pássaro palpitante, pensou Nando. E lembrou os possantes dentes alvos e quadrados do Padre Gonçalo quando riu da emoção de Nando ao assistir a primeira aula. "É o porre do Verbo, Seu Nando!"

- Reclamar vocês todos sabem o que é — disse Francisca.

Os camponeses riram.

- São que precisam reclamar cada vez mais. Reclamar tudo a que vocês têm direito. Direito também vocês sabem o que é. Direito que todo homem tem de comer, de ganhar dinheiro pelo trabalho que faz, de votar em quem quiser em dia de eleição.

- O voto é do povo — disse um camponês.

- O pão é do povo — disse outro.

- O pão dá vida e saúde ao povo — disse outro.

- Isto mesmo — disse Francisca — mas vamos deixar as lições passadas e aprender a de hoje. Nosso Estado tem um...

- Governador — disse um camponês.
 - E o Brasil — disse Francisca — tem um...
 - Presidente da República.
 - Muito bem. Todo país tem seus Governadores e tem um Presidente. Mas agora o mundo tem um Governo que conversa com todos os Governos. O Governo dos Governos se chama Nações Unidas, quer dizer a União de todas essas Nações. Cada Nação tem uma lei, que manda em todos, e que se chama... Quem é que se lembra?

- Lei Áurea — disse um camponês.
 - Não — disse Francisca.
 - Essa não foi a que acabou com os escravos? — disse um camponês.
 - Isto mesmo — disse Francisca — a Lei Áurea foi o decreto da Abolição, quer dizer, que aboliu, acabou a escravidão dos negros no Brasil. Mas tem uma lei que governa todos nós... A Cons...

- Constituição — disse um camponês.
 - Muito bem — disse Francisca — cada país tem sua Constituição. Mas as Nações Unidas, que é o Governo de todos os países, tem uma DECLARAÇÃO. Chama-se Declaração dos Direitos do Homem. E está ali escrito tudo a que os homens têm direito, que é coisa feito pão, saúde, educação, voto.

- Quem é que manda mais — disse um camponês — Constituição ou Declaração?

- Bom — disse Francisca — a Constituição manda diretamente no povo brasileiro, diz o que é que os brasileiros podem e não podem fazer. Mas a Declaração dos Direitos do Homem, das Nações Unidas, vigia a Constituição do Brasil e as outras Constituições, dos outros países. Não permite que nenhuma delas tire o voto do povo, por exemplo, proibindo o voto de quem é pobre, ou preto, ou coisa assim. Não permite também que exista o cambão, por exemplo. Quem trabalha para um patrão tem direito a salário, em dinheiro do país. Assim é que os brasileiros têm seus direitos garantidos por uma...

- Constituição — disse um camponês.
 - E todos os homens têm os direitos de suas Constituições garantidos nas Nações Unidas por uma...

- Declaração – disse um camponês.
- Declaração dos Direitos do Homem – disse outro.

Francisca útil, pensava Nando, como se em fogo santo se cozesse pão. Pão. Vida. Voto. Saúde. Depois das caras impassíveis dos Índios as caras dos caboclos que de repente viam no bloco de letra uma realidade transposta e quase berravam FOICE NO SOL cegos por fio de foice e brilho de sol.

- As figuras, Dona Francisca – disse um camponês.
- Um momento. Vocês entenderam bem a diferença entre a Constituição do Brasil e a Declaração dos Direitos do Homem, não é?

- Entendemos, dona Francisca. Mas a gente sô chegou na palavra DECLARAÇÃO depois de estudar o cla, cle, cli que saiu da palavra...

Francisca projetou um slide.

- Caboclinhos – disse um camponês.
- O povo – disse Francisca – tem direito a pão, a voto, e a alegria também. Caboclinhos fazem vocês pensar em quê?
- Frevo – disse um camponês.
- Bumba-meu-boi – disse outro.
- Maracatu – disse outro.

E se agora aqueles homens entrassem em si mesmos, pensou Nando, e vissem essas palavras na manjedoura? É verdade que em massa não seria possível e em meio a classes enormes. Mas um pequeno grupo se eterizasse à medida que ia aprendendo e que ao mesmo tempo captasse as águas do saber e as águas da vida? Teriam sem dúvida de si mesmos uma inebriante consciência total. Num silêncio absoluto os homens viram a palavra superposta à figura da jangada. Ninguém disse jangada por uma espécie de orgulho: assim com a figura por trás quem não havia de saber? Depois um peixe. Depois um coqueiro. Depois uma figura mais complexa e pouco estudada ainda, uma casa num pântano com um coqueiro perto e um homem na porta.

- Coqueiro — disse um camponês.
- Alagado — disse outro.
- Homem.
- Casa.
- Que casa é esta? — disse Francisca.
- A casa do homem — disse um camponês.
- Mas como se chama a casa de vocês?
- Mocambo — disse um camponês.
- O homem da figura gosta de morar no mocambo?
- Não, mora porque não tem outro jeito — disse um camponês.
- O povo sem casa vive no mocambo — disse Francisca.
- Casa de quem não tem casa é mocambo — disse um camponês."

.....

"Agora entendo o acanhamento da mulher, que queria muito aprender a ler, mas ficava sem jeito, entre nós, crianças da casa, com aquelas histórias de Vovô vê a ave, Eva vê o ovo, Ivo vê a uva. Se mamãe mandasse ela ler que Sabão Lava, Roupa na Corda, Rol Errado num instante ela aprendia tudo."

Para o desenvolvimento do conteúdo, no entanto, será indispensável que os elaboradores conheçam os conteúdos mínimos necessários ao aproveitamento "escolar" dos alunos.

No caso da alfabetização, por exemplo, estes conteúdos são constituídos das estruturas silábicas, que precisam ser estudadas a partir das palavras, expressões, frases e textos (ver, no final deste documento, a relação destas estruturas silábicas).

Sejam que conteúdos forem, será sempre conveniente desenvolvê-los em função dos princípios didáticos (como partir do mais fácil para o mais difícil, do mais próximo à realidade do aluno para o mais distante, etc.) e da metodologia adotada pelo projeto que estiver gerando o material.

Importante, ainda, é a questão da motivação. O conteúdo do material

deverã ser desenvolvido, sempre que possível, de uma forma interessante, atraente.

Para isso, poderã ser incluídos elementos da literatura de cordel, da música, do folclore, etc.

a.2 - Linguagem

Simplicidade, clareza e correção constituem três requisitos indispensáveis à linguagem do material. É importante, ainda, que ela seja o mais concisa possível, pois está provado que textos longos, frases extensas, palavras compridas dificultam ao leitor a assimilação da mensagem, e mais ainda em se tratando da clientela do MOBREAL.

Sem deixar de ser didática, correta, a linguagem deverã refletir, o mais possível, o próprio falar da comunidade, buscando fazer o homem se identificar com um material que deverã ser dele, feito com e para ele.

Gradativamente, no material, esta linguagem deverã levar o homem ao enriquecimento de sua capacidade de comunicação e expressão, sem impor-lhe, todavia, formas eruditas e pedantes, repudiadas até mesmo por muitas das pessoas cultas.

b) Aspectos grãficos

De acordo com os objetivos do projeto e com a clientela, devem ser considerados os seguintes aspectos grãficos, inerentes à produção de materiais impressos:

b.1 - Escolha do tipo de publicação

São tipos mais comuns:

- livro (publicação de mais de 48 páginas);
- folheto (publicação com um mínimo de 5 e um máximo de 48 páginas);
- apostila (publicação geralmente datilografada e mimeografada).

No caso do livro e do folheto, normalmente eles são revestidos de capa dura. Já a apostila dispensa este tipo de capa, sendo, por isso, mais recomendada para as condições em que normalmente o MOBREAL atua.

Mas, naturalmente, o tipo de publicação será escolhido em função dos objetivos do projeto.

No tocante à alfabetização, podem ser feitas apostilas, cuja produção é mais simples. Entretanto, será preciso levar em conta a durabilidade deste material que, em virtude da ausência de uma capa rígida, não resiste muito ao manuseio.

Como já visto, os outros tipos de materiais, a serem produzidos/ utilizados (cartazes, fichas, cartões, etc.) dependerão das finalidades do projeto, ficando a critério dos responsáveis por ele, que poderão, inclusive, optar por produzirem tais materiais de comum acordo com os próprios alunos, num processo participativo que certamente imprimirá um caráter bastante dinâmico ao curso desenvolvido.

A produção de textos, aproveitando os elementos da cultura local (como, por exemplo, a literatura de cordel), poderá ser feita em simples conjuntos de folhas de papel, que dispensarão até mesmo a montagem em volumes.

b.2 - Formato

As dimensões do livro prendem-se à sua natureza.

Para cartilha, podem ser adotadas as medidas de 21cm de largura por 23cm de altura (medidas dos materiais do MOBREAL). Este tamanho pode ser determinado para outros materiais, como guias e livros de exercícios.

Com este formato, o material tem apresentação "em pē".

Hoje, a tendência é produzir os materiais didáticos em forma de álbum — 21cm de largura por 28cm de altura —, o que facilita a

disposição dos elementos da publicação (textos e ilustrações), permitindo menor número de páginas, maior tamanho das letras e espaçamento das linhas, etc.

Neste caso, também, o material tem apresentação "em pé", mas pode ser "deitado", como acontece com nossos livros de Educação Integrada.

No caso das folhas de papel para impressão, os formatos mais comuns são os de 76cm de largura x 112cm; 66cm x 96cm; 87cm x 114cm; e 76cm x 96cm.

b.3 - Tipo de papel

Depende do processo de impressão e das características da publicação.

O papel influi tanto na aparência e na durabilidade do material, como no seu custo, aspecto muito importante a ser levado em consideração, principalmente em nossos dias.

Em relação, ainda, ao custo, é preciso considerar que o próprio peso de cada exemplar da publicação deverá determinar o custo da remessa do material.

Assim, embora de qualidade um pouco inferior aos outros tipos de papel usados para impressão, recomenda-se o uso do papel-jornal que, além de ser leve, tem baixo custo, seca mais rapidamente e apresenta outras vantagens de produção. Pode ser usado tanto em livros, como em folhetos, apostilas, pequenos conjuntos de folhas, etc.

Deve-se, no entanto, considerar que este é um tipo de papel frágil, que, com o tempo, vai ficando amarelado. Além disso, é um pouco mais espesso que os demais.

O papel-jornal calandrado, um pouco mais liso, é o geralmente usado para impressão.

Muito usado na impressão de livros é também o papel bufon, leve e fofo.

Dois tipos de papel são, ainda, recomendados: o papel de esparto (folhas mais grossas) e o papel da China (folhas mais finas) que produzem livros mais leves. No entanto, é preciso atentar para o seu custo.

b.4 - Número de páginas

Naturalmente, deve ser suficiente para atender ao conteúdo do material.

No caso do material de alfabetização, a média de 65 páginas, verificada nos livros do MOBREAL, parece aceitável.

O ideal é produzir um material pouco volumoso, o que certamente se consegue com um formato tipo álbum (ver o item b.2), que contribui para reduzir o número de páginas.

Em qualquer situação, e considerando a clientela que normalmente o MOBREAL atende, convém que o material produzido não ultrapasse muito as 100 páginas.

b.5 - Estrutura da página

Na composição da página, um elemento importante é o seu margeamento.

As margens devem ser amplas, para que o leitor não cubra as letras ao segurar a página.

As margens do meio do volume não podem ter menos que 1,5cm, em virtude da necessidade de encadernação do material.

Uma norma tipográfica bem estabelecida é que a superfície total das margens seja aproximadamente igual à superfície ocupada pelo texto, ou seja, 50% da superfície da página.

Outro elemento a considerar é a construção do texto em colunas. No caso dos livros didáticos, técnicos, etc., o texto costuma ser construído em apenas 1 coluna, com um máximo de 10 palavras por linha.

Dois elementos, também importantes, são o entrelinhamento e o espaço entre as letras. Estes elementos dependem do tipo e tamanho das letras (ver, adiante, o item b.7 - Tipologia). No entanto, a clientela do MOBREAL necessita de um material facilmente visualizável, razão pela qual convém que as linhas e letras guardem boa distância.

Sobre estes elementos, convém, ainda, considerar que "uma separação entre linhas maior permite a utilização de tamanho de letra menor, o que pode acarretar uma economia final de espaço significativa".

A questão da diagramação (disposição dos textos e ilustrações na página) é igualmente fundamental.

Com referência a esta questão, embora muitas considerações devam ser feitas, o essencial é levar em conta que, dada a nossa clientela, sempre será necessário evitar o acúmulo de textos e ilustrações.

Pelo contrário, será conveniente colocar o mínimo indispensável de conteúdo (porção do conteúdo a ser necessariamente incluída na página), considerando a dificuldade de assimilação deste tipo de leitor inexperiente.

Além de evitar o acúmulo de elementos gráficos ou ilustrações na página, é importante, também, até por economia, não deixar, nela, claros em excesso.

Para destacar um elemento lingüístico (sílabas, palavras, frases, textos), um elemento de Matemática (números, contas, frações, medidas, etc.) ou uma ilustração, há vários recursos, tais como centralizar na página, colocar em posição isolada, destacar com cores (em boxes ou caracteres coloridos), cercar de linhas, aumentar o entrelinhamento, utilizar caracteres diferentes (em tipo/tamanho), cercar de linhas, etc.

Na condição de técnica e arte, no entanto, a diagramação exige o trabalho de profissional especializado ou, pelo menos, de pessoa que já tenha ou venha lidando, de uma forma ou de outra, com este tipo de trabalho.

b.6 - Ilustração

As ilustrações, pela sua expressividade e caráter motivador, constituem um elemento didático importante, a ser incluído no material.

No entanto, não devem ser excessivas, mas colocadas de forma equilibrada com o texto.

Como já visto, podem ser desenhados, no caso do material ser mimeografado, ou produzidos a partir de fotografias, slides, gravuras, etc., se o material for ser impresso em gráfica, o que naturalmente sairá mais caro e, mais ainda, se forem coloridas.

Em relação às ilustrações, alguns cuidados devem ser tomados:

- elas, em geral, não devem ser grandes demais (ocupando, por exemplo, uma página inteira), principalmente se o seu conteúdo não justificar um tamanho grande (apresentação de uma simples panela, por exemplo);
- seu conteúdo deve ser facilmente identificável; para isso, sempre que necessário, elas deverão vir acompanhadas de legendas suficientemente explicativas; do ponto de vista didático, ainda, as ilustrações e suas legendas deverão ser concebidas de forma que levem o participante a refletir e a tirar conclusões, com base no que vê;
- devem ser adequadas à clientela do projeto (localização – zona rural/zona urbana; sexo; faixa etária; situação sócio-econômica; características culturais; etc.);
- devem estar sempre relacionadas ao conteúdo escrito, reportando-se a ele e como que o completando;
- no caso da produção de cartazes ou materiais semelhantes devem ter um tamanho e nitidez que permitam uma fácil visualização por parte da clientela normalmente atendida pelo MOBREAL. O formato padrão dos cartazes de alfabetização adotados pelo MOBREAL (62cm x 47cm) constitui um bom tamanho;

- não devem conter mensagem tendenciosa (preconceito de cor, religião, idade, sexo, nacionalidade, situação econômica, realidade cultural, etc., supervalorização de uma determinada ideologia - política, por exemplo -, ou realidade - urbana, por exemplo; etc.).

b.7 - Acabamento

O acabamento diz respeito à construção do volume impresso (arrumação das folhas impressas, em cadernos, e dos cadernos entre si).

Liga-se ao número de páginas. Até 48 páginas, os cadernos (formados de 4 páginas, ou 1 folha dobrada em duas, formando 4 páginas) são grampeados em canoa; em publicações de mais de 48 páginas, utiliza-se lombada onde os cadernos, após costurados uns nos outros, são colados.

b.8 - Capas

Em materiais como livros, folhetos, etc., convém incluir uma capa que, na condição de revestimento externo do material, assegure a sua durabilidade.

Em relação à capa, deve-se determinar:

b.8.1 - tipo de capa

De modo geral, pode ser flexível ou rígida.

Em nossos materiais, temos usado o primeiro tipo (de cartolina), que sai, inclusive, mais em conta, quanto ao custo. Em alguns casos, ela poderá ser até de papel.

Há também outros tipos - envelope, caixa ou estojo.

Em publicações mais simples, feitas durante o desenvolvimento do próprio projeto (como pequenos conjuntos de folhas, usados, por exemplo, para reproduzir conteúdos surgidos no grupo), pode-se pensar até em não utilizar capa.

b.8.2 - Elementos gráfcicos mīnimos da capa e contracapas:

— da capa:

- . tītulo da publicação (claro, conciso e apropriado ao conteúdo do material);
- . nome da coleção (quando for o caso);
- . nome(s) do(s) autor(es) (em nosso caso, Coordenação do MOBREAL, Comissão Municipal, etc.);
- . nome da editora;

— das contracapas (lados de dentro das capas):

- . nomes dos responsáveis pela publicação (em nosso caso, as autoridades do MOBREAL e as autoridades pertencentes aos nīveis hierárquicos a que o MOBREAL se vincula);
- . nomes dos componentes da equipe de produção (redatores, ilustradores, diagramadores, etc.);
- . indicação da empresa que compôs e imprimiu o material (quando for o caso).

b.8.3 - Lombada

Parte ã esquerda do livro que cobre o seu dorso.

Nela costumam ser impressos o tītulo da obra, o nome do autor e da editora.

No entanto, tais elementos sã dispensáveis nos tipos de publicações que utilizamos, compostas, em geral, de reduzido número de páginas, que implica uma lombada estreita.

b.9 - Tipologia

A determinação do(s) tipo(s) da letra ã fundamental para a legibilidade da parte escrita do material.

O desenho e o tamanho (corpo) da letra, classificados em famīlias, devem ser adotados de acordo com a clientela do projeto.

Uma família muito usada em materiais didáticos, pela sua simplicidade e clareza, é a helvética, utilizada em muitas de nossas publicações.

O corpo da letra é indicado por numeração em ordem crescente, do menor para o maior corpo. Nas publicações em geral, normalmente é usado o corpo de 10 ou 12, para o texto principal da obra. As notas de rodapé são compostas em corpo 8, que é um pouco menor.

Considerando a clientela do MOBREAL, convém utilizar, mesmo que isto signifique maior número de linhas e páginas, um corpo maior — 14, 16, 18, conforme as passagens da obra —, principalmente em se tratando do cartilha ou livro de educação continuada.

Dentro da obra, podem ser usados certos tipos de letra, que servem para destacar determinados conteúdos. Há, por exemplo, o tipo grifo (letra inclinada), o negrito (letra mais grossa) e o negrito grifo (letra inclinada e mais grossa).

b.10 - Partes principais da publicação (por ordem de entrada):

b.10.1 - Folha de rosto

Primeira página impressa, contendo o nome da obra, o nome da instituição, bem como o ano, local e número da edição.

Para a natureza de nossas publicações, tais elementos são mais do que suficientes, dispensando até mesmo a inclusão de quaisquer elementos no verso desta folha.

b.10.2 - Apresentação

Página contendo pequeno texto de introdução da obra.

O ideal é que seja conciso e inclua, principalmente, orientações para a utilização do material.

b.10.3 - Sumário

Relação das principais divisões e subdivisões da obra (títulos e subtítulos mais gerais).

Em certas publicações mais simples, como as cartilhas, pode até ser dispensado.

b.10.4 - Texto propriamente dito

Parte em que a matéria é exposta.

Subdivide-se em capítulos, que por sua vez, podem ser agrupados em partes ou seções.

Nos livros didáticos, costuma ser dividido em unidades e subunidades, em função do conteúdo escolar programado.

Convém que cada subdivisão dessa ocupe um pequeno número de páginas, para facilitar o aprendizado.

No caso das cartilhas, as aulas devem ocupar duas ou três páginas apenas.

b.10.5 - Glossário

Lista alfabética em que são definidos os termos considerados mais "difíceis" da obra (termos técnicos, regionais, arcaicos, etc.).

Estes termos, no entanto, podem, a critério dos elaboradores do material, ser explicados no próprio corpo da publicação, dispensando, assim, o glossário no final dela.

No caso de se optar pela alternativa do glossário, as palavras deverão ser impressas com um tipo de letra em destaque (ver item b.9 - Tipologia).

Em relação a cartilhas, também não é comum incluir glossário.

b.10.6 - Índice

Relação de todas as subdivisões da publicação. Nas publicações mais simples (caso das cartilhas), ele não é incluído.

b.11 - Técnicas mais usadas de composição e impressão de publicações

De modo simplificado, pode-se dizer que, atualmente, dispõe-se dos seguintes processos principais de composição e reprodução:

- xerografia: . conveniente para tiragens muito reduzidas (por exemplo: 20 cópias do original);
 - . é um processo rápido, uma vez que as folhas datilografadas só precisam ser diretamente expostas, durante alguns segundos, na superfície da máquina reprodutora das cópias;
 - . após a reprodução, é só reunir as cópias, formando os exemplares;
 - . no entanto, não serve, por exemplo, para reproduzir folhas com ilustrações ou com campos coloridos;
 - . é um processo mais adequado para reproduzir, por exemplo, textos de duas ou três páginas;
- mimeografia: . ver as observações contidas na parte II, Planejamento, itens e, Custos, e g, Etapas de Produção;
- tipografia: . processo utilizado pelas gráficas que ainda empregam aparelhamento tradicional;
 - . funciona à base de ligas de chumbo fundido que ou podem formar linhas inteiriças, por meio da máquina linotipo, ou tipos isolados, através da máquina monotipo;
 - . um grande inconveniente é que, se a máquina não for operada com muito cuidado, produz grande quantidade de incorreções tipográficas, o que obriga sucessivas e cuidadosas revisões das provas;
 - . é processo muito usado para grandes tiragens, a um custo significativamente abaixo do da fotocomposição;

- fotocomposição: . moderno processo pelo qual, por meio de máquina parecida com a de datilografia, as letras são projetadas sobre um filme, formando fotograficamente palavras, linhas e páginas;
- . envolve um aparelhamento e matéria-prima de alto custo, onerando a edição da obra;
- . permite, no entanto, um produto final de grande qualidade;
- . é o processo utilizado pelo MOBREAL, que dispõe do equipamento e do pessoal especializado para este trabalho.

c) Recomendações Gerais

. O material a ser produzido deve ser o mais simples possível, coerente com a realidade do país.

O importante não é produzir um material bonito e atraente, e sim algo que possa falar de muito perto do homem a quem se destina, nascer com ele, provocá-lo, colocá-lo no centro das discussões.

O material, de maneira direta, deverá levá-lo, a todo momento, a se fazer e a responder a perguntas, como:

- O quê?
- Por quê?
- Como?
- Para quê?
- De que outro(s) modo(s)?

As verdades precisam ser postas a descoberto a todo instante e determinar uma realidade mais consciente e melhor para todos.

. O material deve ser elaborado de tal maneira, que sã se complete com a participação do educando.

Para isso, grande ênfase deve ser dada ã pergunta, ã proposta de discussão, ã atividade que exija muito do participante.